

## Editorial

### "É a cabeça irmão"

**E** stávamos ultimando a edição 18 da *Revista Longeviver*, quando se espalhou nas redes manifestações de repúdio a um vídeo contendo demonstração explícita de *idadismo*<sup>1</sup>, postado por três estudantes de um curso de Biomedicina, de uma universidade particular da cidade de Bauru, no interior do Estado de São Paulo.

"Três estudantes", permitam-nos as aspas, que têm como companheira de classe uma mulher mais velha que elas, divulgam - sim, porque se você coloca algo nas redes sociais, certamente, pretende divulgar algo para o maior número de pessoas possível -, este diálogo em vídeo postado no *insta* de uma delas "*Gente, quiz do dia: como 'desmatricula' um colega de sala?*". A segunda responde: "*Mano, ela tem 40 anos já. Era para estar aposentada*" e a concordância da terceira "*Realmente*".

Além de ser tema que exige posicionamento firme da sociedade, posição contra a raiva destilada em forma de *idadismo*, quando essas mulheres brancas privilegiadas entendem ter o direito de dizer a uma outra que espaço ela pode, ou não, ocupar cabe, também, refletir que tipo de profissionais essas "estudantes" pretendem ser. Depois do diploma na mão "*by, by*" aos estudos, à pesquisa, à atualização profissional, à curiosidade porque, afinal, segundo a lógica dessas "estudantes" elas estarão velhas para tanto e devem aposentar-se da vida, rapidamente.

Mas estas, e outras considerações, porque são muitas e serão construídas em outro texto, ficam para depois. Aqui, neste espaço, tal manifestação contra essa exibição do preconceito nos serve de mote para coincidentemente, ou não, apresentarmos esta edição em que produções contemplam a questão da educação, aprendizado, experimentação e as resistências construídas pelas pessoas idosas.

Apresentamos, inicialmente, o delicioso *Relato de Experiência* de Cinthia Lucia, **Crônicas da UATI - entre tradições e contradições**. A autora narra um episódio em sala de aula, para refletir sobre seu papel de educadora, sem certezas absolutas, mas, entendendo como a/o educadora/r deve despir-se dos estereótipos que carregam a respeito de velhas/os ao estabelecer uma relação de aprendizado.

O aprendizado não pode/não deve resumir-se ao intelecto. Conhecer-se, saber e/ou descobrir e experimentar faz parte da potência na vida. Lucy Franco apresenta em sua *Resenha* do filme **Boa sorte, Leo Grande**, justamente, como a personagem vivida por Emma Thompson redescobre sua feminilidade, desvelando de forma corajosa suas frustrações, decepções e abrindo-se, finalmente, a suas fantasias. Já Raquel Pavin, em **Interseccionalidade e velhices femininas** abre diálogo, a partir de um filme de média metragem, com os conceitos de interseccionalidade de diversas/os autoras/res, para

---

<sup>1</sup> Ver <https://jornal.usp.br/radio-usp/etarismo-e-o-mais-frequente-e-universal-dos-preconceitos/>

visibilizar como a interação velhice, gênero, classe social, raça operam sistemas de opressão e dominação sobre a mulher trabalhadora velha e negra.

**Estudantes e Servidores/as de Universidades Federais com 60 anos de idade ou mais: pesquisas sobre reconfigurações no curso da vida** apresenta análises das narrativas de pessoas idosas, sobre os desafios enfrentados e as oportunidades encontradas em suas vivências educacionais e profissionais no *Relato de Pesquisa* por Delson Ferreira, Galba Cristina Bezerra Franca Scartezini e Carlos Eduardo Henning.

Ampliar o conceito de saúde e atentar para a história de vida das pessoas idosas, como instrumento de acolhimento, está presente no *Relato de Pesquisa* de Caroline Bitencourt de Almeida e Heloísa Grubits em **Envelhecimento: visão biopsicossocial**.

**As dificuldades físicas e psicológicas do idoso condutor no Brasil: uma revisão da literatura** de Sarah Caroline Milanez Santos e Cristiane Francisca Ferreira Matos discute a mobilidade urbana e a importância para as pessoas idosas da ação de dirigir, como expressão de autonomia e independência. Nos textos da revisão de literatura destacam-se as estratégias para contornar dificuldades físicas de pessoas idosas condutoras de veículos.

Já Cláudio Stucchi constrói uma importante reflexão em seu texto **Qual será o futuro das pessoas idosas dependentes se as ILPIs não receberem investimentos orçamentários da Saúde Pública?** As ILPIs filantrópicas vivem, ou sobrevivem, basicamente de contribuições privadas, enquanto o Estado tem pouca, ou nenhuma, ação nesse sentido. Segundo Cláudio, os Conselhos Municipais de Idosos poderiam ter protagonismo nessa questão e a sociedade deve cobrar do Estado posição mais clara e ativa já que as ILPIs e atendimento adequado fazem parte do Sistema de Garantias dos Direitos das Pessoas Idosas.

Finalizando esta edição, o *Dossiê Narrativas* traz como tema A Doença de Alzheimer (DA). Enquanto Catiana Ferraz da Silva em **O Alzheimer: um relato de vida**, compartilha sua experiência a partir da doença de sua mãe; Vera Caovilla, em **Alzheimer + ABRAZ + 50mais ATIVO +**, narra sua experiência e sua trajetória na gerontologia, destacando sua participação na fundação da Abraz, Febraz, e, atualmente, na 50mais ativo e, aproveita, ao longo do texto para homenagear profissionais, companheiros e companheiras de jornada.

Uma gama de abordagens está exposta em que velhas e velhos apropriam-se de seus saberes, de seus prazeres e resistem. Por outro lado, não se desconsidera a fragilidade que exige cuidados, redes de apoio e suporte e, com certeza, de atenção e ação do Estado! É preciso ver, escutar e estarmos, todas e todos, atentas e atentos!

*Celina Dias Azevedo*  
*Beltrina Côrte*  
*Editoras*